

‘O Convite’ de honra é para Cesc Gay

Filme de Olivia Wilde com elenco em estado de graça leva aos EUA peça teatral do catalão que dirigiu ‘Truman’, cuja dramaturgia inspira versão com Marisa Orth e Falabella em Lisboa

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Exercício de delicadeza de uma cineasta em evolução, vinda de “Fora de Série” (2019) e “Não Se Preocupe, Querida” (2022), a dramédia “O Convite” (“The Invite”) amplia (... e um bocado) o espaço conquistado pela atriz Olivia Wilde para usar as ferramentas da direção em prol de um cinema adulto. Sua obra, calcada na palavra, tem geometrias mais próximas do teatro (espaços fechados qual um palco) e foco em quiproquós morais.

É uma história sobre dois casais num jantar onde falta vinho e a comida não corresponde às restrições alimentares de uma das suas convidadas. É um jantar entre vizinhos. É um jantar fomentado pelo fato de os moradores do andar de cima transarem feito coelhos... ruidosamente... e os anfitriões não se tocarem mais. No piso de baixo vivem o professor de Música Joe e sua esposa, An-

gela (hoje uma dona de casa), com uma filha de 12 anos, que nunca vemos. Em cima, moram a sexóloga espanhola Pina e o bombeiro Hawk. Respectivamente, o elenco que dá vida a essas figuras inclui Seth Rogen, a própria Olivia, uma Penélope Cruz de cabelos louros e um Edward Norton em estado de graça.

No pavimento dessa experiência sobre escuta, num tempo de ruídos, está um dos dramaturgos de maior viço do teatro popular nos anos 2010 e 2020: o catalão Cesc Gay, artista que faz do cotidiano um campo de batalha.

“Escrever é saber dominar as caricaturas relativas às representações do excesso, seja o excesso de dor ou da euforia”, disse Cesc, ao Correio a Manhã, numa entrevista por telefone ao levar ao Festival de San Sebastián seu filme “Sentimental” (2020), adaptação da peça de sua autoria “Els Veïns De Dalt” (“Los Vecinos De Arriba”), que serviu de base para “O Convite”.

Neste exato momento, há uma outra versão dela em curso na Bélgica, “De Bovenburen”,

Cesc Gay: ‘Escrever é saber dominar as caricaturas relativas às representações do excesso, seja o excesso de dor ou da euforia’



Ulises Proust/SSIFF

CRÍTICA FILME | O CONVITE

por RODRIGO FONSECA

Um tiquinho antes de começar a pandemia, o texto teatral “Els Veïns De Dalt” lotou sessões a granel em Buenos Aires ao ser encenado com Diego Peretti, sob o título “Los Vecinos De Arriba”, proliferando-se cinema adentro, depois de ser filmada pelo próprio Cesc Gay.

A versão americana, lançada em janeiro no Festival de Sundance, foi idealizada em 2022 e teria o casal Valerie Faris e Jonathan Dayton como seus realizadores, trabalhando com base em um roteiro concebido pela atriz Rashida Jones e o ator Will McCormack.

Originalmente, a trupe deles contaria com Amy Adams, Paul Rudd e Tessa Thompson. Depois de atrasos no processo de desenvolvimento do projeto, que se estenderam por três anos, Olivia Wilde apareceu e quis filmar,

além de atuar, trazendo consigo o canadense Seth Rogen, um comediante e produtor hoje no ápice do prestígio por conta da série “O Estúdio”. Com ele vieram Penélope Cruz e Edward Norton, a injetar frescor no quadro de desajustes e desatenções pintado por Cesc ao retratar falta de empatia nas relações.

Além de Rogen, Olivia importou de “O Estúdio” o diretor de fotografia Adam Newport-Berra, que lhe oferece elegância sinuosa em sua narrativa de planos e contraplanos. A montagem de Yorgos Mavropsaridis e Anthony Boys também amacia



Sundance Institute

Os casais Seth Rogen e Olivia Wilde mais Penélope Cruz e Edward Norton em ‘O Convite’

a engenharia de observação de falências que a dramaturgia oferece ao perceber o ódio acumulado entre Joe e Angela (papéis de Rogen e Olivia) ao longo de anos de indelicadezas e omissões.

O arquétipo da latina em chamas que Penélope descasca, ao viver Pina, salva-se do estereótipo, desgrudando-se de um lugar comum histórico, na sagacidade de sua estrela ao driblar chavões.

com direção de Simone van Dusseldorp, e há uma adaptação em filmagem em Portugal, com o título “O Pecado Mora Em Cima” e direção de Rui Pedro Sousa. Sabe quem está cena? Os eternos Caco Antibes e Magda: Miguel Falabella e Marisa Orth.

Hoje com 59 anos, Francesc Gay i Puig é conhecido entre a cinefilia brasileira por “Truman”, de 2015, em que um Ricardo Darín no fim da vida conta com a ajuda de um amigo (Javier Cámara) para encontrar um lar para seu cão. Faturou uma baba com esse longa (US\$ 9 milhões, cerca de três vezes mais do que custou) e ainda ganhou o troféu Goya (o Oscar da Espanha) de Melhor Direção. Antes, em 1998, junto com o argentino Daniel Gimelberg, ele fez sua estreia na tela grande, ao rodar “Hotel Room”. Em 2000, foi escolhido para transpor o espetáculo “Krámpack – Descobrimos o Prazer” para o cinema e acabou sendo laureado em Cannes, com o Prêmio da Juventude, por sua abordagem do amadurecimento. “Todo assunto que é tabu precisa ser visto numa dinâmica que equilibre riso e dor, sob os vínculos do companheirismo”, disse Cesc, ao exibir “Histórias Que É Melhor Não Contar” (2022) em San Sebastián.

Seu longa mais recente, “53 Domingos”, também de matriz teatral, estreou este ano na Netflix. Na trama, três irmãos se reúnem para ajudar o pai de 86 anos, que mora sozinho e começou a apresentar um comportamento estranho. Segue inédito por aqui seu delicioso “Mi Amiga Eva”, de 2025, que é um aulão de perseverança.

A sequência acerca da pronúncia da palavra flan é um achado. Norton se agiganta também, só que mais pelos gestos, criando um sedutor plácido, que sabe usar a vulnerabilidade a seu favor. O estudo autoral de Cesc sobre os engasgos da masculinidade encontram nele tradução fina e acham em Rogen o Elo Perdido da virilidade. O musicista vivido por ele é pura queda, é só hipocrisia.

Esses sentidos sobre identidade sexuais, que eram hilários no longa “Sentimental”, dada a comichidade natural de Cesc encontram contornos mais rascantes (e dolorosos) na releitura de Olivia, que tem na trilha sonora de Devonté Hynes um analgésico. O emprego da canção “Our House”, de Crosby Stills Nash and Young, é o golpe de misericórdia do longa.